

Quadro sucessório é outro desde 3ª feira

A decisão dos constituintes em favor do presidencialismo e de um mandato de 5 anos para os futuros presidentes da República promoveu algumas alterações no quadro sucessório, notadas sobretudo em São Paulo, onde se concentram em maioria os eventuais postulantes ao cargo de sucessor de José Sarney.

Nesse jogo de xadrez político, em que às vezes mudam-se as pedras, às vezes mudam-se os próprios jogadores, sentiu-se uma modificação de posições que alcançou praticamente todos os concorrentes, a começar pelo próprio Ulysses Guimarães.

O velho parlamentar tem sido um ponto de união dos peemedebistas. De fato, na medida em que surgia como o seu maior líder, mantinha unido o partido, mas isso parece uma situação que pertence ao passado. Os revezes sofridos na terça-feira, quando a Assembléia Nacional Constituinte preferiu o presidencialismo e os 5 anos, colocam Ulysses na incômoda posição de líder apenas de uma facção do PMDB — a facção minoritária, derrotada na votação.

Daqui para a frente, a julgar pela análise de experientes peemedebistas, haverá um divisor de águas e isso enfraquece as pretensões presidenciais de Ulysses, que era forte na medida em que mantinha unido o partido e detinha o comando político da Nação. Na proporção em que os peemedebistas "do outro lado" mostraram força e ganharam a disputa, torna-se evidente que puseram em xeque a liderança do presidente nacional.

Talvez se argumente que esse foi apenas um lance, apenas uma batalha na grande guerra política. É possível. Todavia, forçoso reconhecer que o passar dos dias e das noites, enfim, o avanço da idade, traz dificuldades maiores ao sonho presidencial de quem já passou dos 71 anos. Este é um país em que a grande fatxa do eleitorado está abaixo dos 25 anos de idade, e a tendência do novo, inexoravelmente, é combater e substituir o velho.

Na medida em que Ulysses Guimarães soçobra, nesta etapa do processo sucessório, o mesmo se pode dizer do ex-governador Franco Montoro, também parlamentarista, também derrotado. Costuma-se dizer que a política é feita de fatos novos. Pura verdade. Pois bem, somente acontecimentos novos, imprevisíveis neste momento, poderão criar condições favoráveis às postulações presidenciais de Montoro.

Ségundo se observa no PMDB, abre-se em São Paulo a possibilidade de o governador Orestes Quércia tentar assumir a liderança de seu partido. Isso dependerá — e muito — da qualidade de sua administração e da disposição de renunciar ao mandato de governador do principal Estado brasileiro para desincompatibilizar-se e concorrer à convenção nacional peemedebista.

Em tese, portanto, eis surge como favorecido pela decisão da Assembléia Nacional Constituinte. Mas esta é apenas uma das faces da

moeda. Na verdade, Quércia "queimou-se" terrivelmente junto ao Palácio do Planalto, uma vez que ficou "em cima do muro" e titubeou quanto pôde na questão de 4 ou 5 anos.

Ainda da última vez que esteve em Brasília isso se confirmou. Ele almoçou com Sarney e fez a apologia dos 5 anos, mas, deixando o gabinete, não resistiu à pressão dos jornalistas que o entrevistavam e deixou escapar que, pessoalmente, era a favor dos 4 anos. Ora, como a esquerda do PMDB, derrotada na semana passada, não o apóia, e a outra facção está engajada junto ao presidente da República, o governador paulista pode ter perdido pontos.

No dia da votação, em especial, ele ficou em posição delicada. Na medida em que os governadores de Minas Gerais e do Paraná deslocaram-se a Brasília e demonstraram empenho, além de eficiência, no trabalho de convencer os parlamentares em favor do presidencialismo e dos 5 anos, Quércia refugiou-se no Palácio dos Bandeirantes e acompanhou a tudo de longe.

Conhecidos os resultados, deu entrevista a favor dos 5 anos. Esse comportamento cinzento que algumas pessoas ostentam na política às vezes dá resultados, mas às vezes cria barreiras incontornáveis. Forçoso lembrar que a propaganda que o governador faz de sua administração nos outros Estados, a respeito das obras que está "viabilizando", deixa os governadores locais em situação de inferioridade perante seus eleitores, uma vez que, por falta de recursos, pouco estão realizando. Com isso, cria adversários e alimenta antagonismos.

Enfim, procurando não "queimar-se", o governador de São Paulo pode ter conseguido resultado oposto ao que idealizara. Com referência aos outros candidatos paulistas — Mário Covas, Lula, Antônio Ermírio de Moraes e Paulo Maluf — houve algumas alterações.

Mário Covas perdeu a disputa e arca com esse ônus. No caso de Lula, ficou prisioneiro da diretoria partidária e por isso talvez não se prejudique. Mas, com certeza, nada cresceu com o episódio. O empresário Antonio Ermírio de Moraes, por sua vez, intrigou alguns espíritos na segunda-feira, quando afirmou que rejeitava o parlamentarismo porque verificara que as Forças Armadas não aceitariam esse regime.

Ele foi sincero, como sempre, ao externar esse ponto de vista, mas deixou uma brecha para ser cobrado na campanha eleitoral, caso venha, realmente, a candidatar-se.

Com referência a Paulo Maluf, candidato já declarado do PDS, ficou satisfeito com os reflexos da decisão de terça-feira nas pretensões de seus concorrentes. Ele entende que houve desgaste geral, menos dele, de Brizola e de Lula. Maluf defendia 4 anos para Sarney, por ser o fiador da transição pactuada por Tancredo Neves, e 5 para os que o sucederem. Por isso se considera vitorioso. A.T.C.